

# ESCRITA MEMORIALÍSTICA DE CORIOLANO DE MEDEIROS: A INSTRUÇÃO EM O TAMBÍÁ DA MINHA INFÂNCIA

Bernardina M. J. Freire de Oliveira<sup>1</sup>

Maria Nilza Barbosa Rosa<sup>2</sup>

Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho, para refletir sobre as vivências e as experiências educativas de Coriolano de Medeiros na então província da Parahyba do Norte, nas últimas décadas do século XIX, aproximou-se de abordagens teóricas que tratassem dessa memorialística a partir dos diversos cruzamentos com o tempo, o espaço e o movimento, visto que a memória é compreendida como uma construção social que deixa rastros ao longo do tempo. Para tanto, foi selecionada a obra *O Tambiá da minha infância* (1994), de Coriolano de Medeiros, tomada como artefato de memória. No diálogo com Aleida Assmann que apresenta a escrita como principal meio de eternização e suporte da memória, busca-se o entendimento de alguns espaços e sujeitos presentes na ação educativa a partir das experiências narrativas do escritor paraibano.

**Palavras-chave:** Memórias; Instrução; Coriolano de Medeiros

**Abstract:** In this work, to reflect on the experiences and educational experiences of Coriolano de Medeiros in the then northern Parahyba province in the last decades of the nineteenth century, he approached theoretical approaches that deal with this memorialism from the various crosses with time, Space and movement, since memory is understood as a social construction that leaves traces over time. For that, the work *The Tambiá of my childhood* (1994), of Coriolano de Medeiros, was selected as an artifact of memory. In the dialogue with Aleida Assmann that presents writing, as the main means of eternalization and support of memory, we seek the understanding of some spaces and subjects present in the educational action from the narrative experiences of the writer from Paraíba.

**Keywords:** Memories; Instruction; Coriolano de Medeiros

---

1. Doutora em Letras. Professora no Departamento e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI), Campus João Pessoa. E-mail: bernardinafreire@gmail.com

2. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Visitante no Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PNPD/UFPB), Campus João Pessoa. E-mail: nilzasor@yahoo.com.br

3. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Visitante no Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PNPD/UFPB), Campus João Pessoa. E-mail: nayanamariano@hotmail.com

## Introdução

*“A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX” (HOBBSAWM, 1994, p.13).*

O trabalho tem como objetivo compreender a memorialística de Coriolano de Medeiros e sua relação com a instrução pública em particular nas últimas décadas do século XIX, na então província da Parahyba do Norte. A partir de conceitos vinculados às sugestões, expressas principalmente por Aleida Assmann em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011) salienta-se o papel da memória para a compreensão de *O Tambiá da minha infância* e sua importância na ressignificação de um tempo e espaço longínquos, porém reinventados a partir da evocação do sujeito da memória.

A memória é aqui compreendida como uma construção social que deixa rastros ao longo do tempo, ou seja, indícios informacionais que ajudam a entender a representação de uma determinada realidade. À vista disso, *O Tambiá da minha infância* é tomado como artefato de memória, concretamente perscrutável, tanto no passado como no presente.

174

Em leitura deste livro percebem-se as práticas de escrita que pulsam entre os termos, ação educativa e instrução pública e privada ritmando uma história particular e uma história da educação, compreendidas através das ações interpretativas do autor, numa reivindicação de si mesmo e do outro. Através desses escritos mergulhou-se no passado, para compreender a experiência educativa e escolar vivida por Coriolano de Medeiros. Assim, a interpretação dos acontecimentos se dá a partir dos resquícios que ficaram considerando-se que a história não trará de volta o passado tal como ele era, mas possibilitará *lançar-se* ao desconhecido (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 417).

A história da educação, como salienta Saviani (2000), é um repositório sistemático e intencional da memória educacional; uma referência indispensável na formulação da política educacional que se queira propor de forma consistente. Para este autor, dos conteúdos adotados pela política educacional depende o peso que a Educação irá ter na formação das novas gerações, razão pela qual é preciso criar os espaços necessários para viabilizar o desenvolvimento e a consolidação dessa história explicitando o seu papel na sociedade.

*O Tambiá da minha infância* se torna *leitmotiv* particular nos escritos de Coriolano de Medeiros, escritor de destaque no cenário da cultura paraibana, autor do *Dicionário Coreográfico da Paraíba*, que tem seu nome ligado à educação, à cultura, à história. Em Coriolano de Medeiros a memória é ponto de convergência com a infância,

o local-regional, a recuperação da sua própria memória. A partir dos escritos desse autor, busca-se compreender alguns espaços e sujeitos presentes na ação educativa. A discussão levantada neste trabalho serve também ao propósito de dar visibilidade a autores como ele, convidando o leitor a ler ou reler um clássico com outro olhar, utilizando novas lentes, fazendo outros questionamentos e com novas inquietações. Trabalhar a obra de Coriolano de Medeiros é buscar compreendê-la como um vetor de memória.

Assim, a pesquisa se configura como qualitativa de caráter documental, já que se fundamenta em conceitos e documento que indagam a realidade vivenciada e observada. As pesquisas qualitativas são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas como construções humanas significativas (MINAYO, 1993). Trata-se, portanto, de analisar as especificidades de *O Tambiá da minha infância*, uma obra carregada de informações relevantes para o entendimento da narrativa memorialística, na qual o autor faz uso da memória pessoal. É a memória pessoal que torna possível o registro das histórias narradas, afinal, não há escrita possível sem a memória.

## **Nos Meandros da Memória, da História e da Informação**

175

Aleida Assmann (2011), ao analisar a memória a partir de espaços de recordação, faz uma articulação entre suas funções, seus meios e armazenadores, apresentando ao leitor os diferentes caminhos que levam à memória. No percurso sobre a materialidade das mídias memorativas, a autora chama a atenção para a forma como indivíduos e culturas constroem interativamente suas memórias através da língua, de imagens, rituais, e organizam essas memórias por meio de armazenadores externos ou práticas culturais. Logo, a escrita é apresentada como *medium* de eternização e suporte da memória.

Quando alguém registra suas próprias lembranças, por mais pessoais que essas recordações sejam, elas ultrapassam as fronteiras do individual, pois a memória pessoal é toda marcada pelo coletivo (HALBWACHS, 1990). Assim, a memória coletiva está vinculada a um grupo social, nutrido pelas vivências do cotidiano, das pessoas que o compõem e pela história. Nas palavras de Nora (1984 p.19-20):

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre presente, um lugar vivido no presente eterno; a história, uma representação do passado. Porque ela é efetiva

e mágica, a memória se acomoda apenas aos detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças, leves, confusas, sombrias, chocantes, globais ou flutuantes, vagas, superficiais, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transmissões, censuras, anteparos ou projeções. A história, porque operação sensível e laicizante clama análise e discurso crítico [...].

A memória escolar por sua vez, está ligada aos elementos humanos da instituição escolar que lhe deram vida: biografias, autobiografias, memórias, depoimentos, objetos, material escolar, aulas, atos disciplinares, festas e comemorações, atos religiosos, e ainda outros suportes da memória, como fotos, gravura, jornais estudantis. Tudo que revele o passado como força impulsionadora de uma ação educativa.

À vista disso, fenômenos educacionais/educativos são manifestações de grande significação em relação à cultura de uma determinada sociedade. É também no âmbito educacional que se produzem e reproduzem conhecimentos e saberes. Entender esses fenômenos na sua historicidade é uma das preocupações da História da Educação. Nas últimas décadas, esse campo de estudos vem conquistando espaço e ganhando um novo olhar por parte dos pesquisadores e estudiosos que foram dialogando com diversas abordagens teóricas, problematizando novos objetos, incorporando e ampliando o uso de fontes.

176

Assim, os livros de memórias, como *O Tambiá da minha infância*, surgiram como objetos substanciais de pesquisa. É importante ressaltar que a produção em questão não é entendida como isenta de parcialidade, visto que traz consigo todo um processo de construção e reconstrução, um caráter mutável e plástico, presente na escrita das memórias.

Compreendendo que “[...] a memória está representada em suportes informacionais distintos [...]” (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 3), entende-se que esses artefatos memorialísticos são importantes no processo de ressignificação do passado. Ao historiador, cabe a escrita e reescrita da história, já que esse saber é temporal e os vestígios do passado, uma representação da realidade. De acordo com Pesavento (2005, p. 40), “[...] representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”. Representação essa, que também encobre uma identificação, um ordenamento, uma legitimação ou exclusão.

Assmann (2011), discutindo espaços de recordação, salienta que atualmente há uma intensificação do problema da memória e que diferentes interesses e questões se cruzam para compreender esse complexo fenômeno. Assim, dialogando com as tradições (mnemotécnica e discurso de identidade), as perspectivas (memória cultural, coletiva e individual) e as mídias (textos, imagens, lugares, bem como discursos: literatura,

história, arte, psicologia etc), analisa suas funções, seus meios e armazenadores, apresentando ao leitor os diferentes caminhos que levam à memória. Nesse processo, a escrita é apresentada como *medium* de eternização e suporte da memória, ela possui uma força de conservação, de interação, de germinação, mas também, de opressão, de exploração e de colonização.

O *Tambió da minha infância*, entendido como uma reserva de informação, de memória e de história (CATROGA, 2015), é um objeto relevante para a memória educacional, pois as informações que carregou ao longo da sua trajetória, deixou traços que marcam a sua condição de possibilidade. Esses traços, rastros ou marcas contêm informações que permitem trazer à tona várias possibilidades de construção. Partindo desse entendimento, um contexto multifacetado mostra um leque de possibilidades de compreensão de um processo histórico.

Logo, como um artefato de informação e memória, a obra possui “[...] contextualidade e é possível ser atualizado historicamente [...]”, visto que a memória “[...] constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais” (DIEHL, 2002, p. 116). E na reconstrução do passado pela História, novos significados são desenhados pelo que ficou guardado nessas memórias. Os usos do passado propiciaram outras reescritas da história.

Em *A luta das recordações nas histórias de Shakespeare e Wordsworth e a mazela do tempo*, Assmann (2011) traz a recordação como protagonista para esse diálogo com a literatura. A construção de uma identidade nacional a partir de recordações históricas é ilustrada com os escritos de Shakespeare. Discutindo a maleabilidade da recordação, a autora a coloca no centro do poder e da história, visto que a recordação histórica deixa de servir apenas aos monarcas e dedica-se à formação coletiva de identidades, tendo os antiquários, historiadores e poetas, envolvidos nesse processo. Partindo de recordações biográficas, em William Wordsworth, delinea-se uma identidade individual, tendo o esquecimento e a perda como partes constitutivas nessa trajetória. Assim, as análises da autora não apresentam a recordação como um reflexo passivo de uma reconstituição, mas como um ato produtivo de recriação.

Sobre a materialidade das mídias memorativas, Assmann (2011) diz que, sem os meios de armazenamento culturais e técnicos, há a impossibilidade da constituição de uma memória que ultrapasse gerações. Logo, a escrita é apresentada como *medium* de eternização e como metáfora da memória, como armazenadora, pode superar a memória, contudo, jamais assumirá a função da recordação. A autora nos lembra que a constituição da memória altera-se com o desenvolvimento das mídias, e que a palavra letra tem um parente próximo, o lixo. Aliás, um argumento que perpassa a obra: memória, recordação e esquecimento não podem se desvincular.

## O Memorialista Coriolano de Medeiros

Em 30 de novembro de 1875 nasceu João Rodrigues Coriolano de Medeiros, no sítio Várzea das Ovelhas, então município de Patos (PB). Devido à calamidade provocada pela terrível seca de 1877, a sua família partiu para a capital da província, a Cidade da Parahyba. Na capital, iniciou seus estudos primários ingressando na escola mista particular da professora Cecília Cordeiro, localizada na Praça Mãe dos Homens. Sobre esse período, Coriolano de Medeiros relata:

Completando meus seis anos de idade, arranjou-me minha mãe, de uma camisa de lã de meu padasto, umas calças e uma jaqueta, comprou-me um ponteiro de prata por cinco tostões, uma carta de ABC por dois vinténs e me levou para a escola. Nunca esquecerei a minha primeira mestra, aquela que me ensinou as letras do alfabeto e a ler corretamente o primeiro livro de Abílio. (MEDEIROS, 1994, p. 35)

Posteriormente, foi estudar na escola particular do Sr. Quintino, na Rua do Tanque. Medeiros recorda que o mestre era um “homem de cor” e que se vestia muito bem. A escola funcionava na casa do professor, em uma sala destinada para esse fim. Próximo à escola, havia um terreno baldio que recebia todo o lixo da cidade, frequentado por porcos, cães e outros animais.

178

Diferentemente das suas boas recordações sobre a escola da professora Cecília Cordeiro, seus relatos sobre o funcionamento das aulas do Sr. Quintino não são nada bons. Funcionando de nove da manhã às quatro e meia da tarde, com o odor do lixo sempre rondando o ambiente, o cansaço pelo horário de estudos e a presença constante da palmatória, as lembranças negativas marcaram sua vivência nessa “casa de escola”. (MEDEIROS apud MARTINS, 1975)

Também foi aluno do professor Antônio Ribeiro Guimarães, que possuía uma escola na Rua da Lagoa da Frente, em uma casa de taipa. Coriolano de Medeiros relata que conserva na memória o primeiro contato que manteve nessa escola:

Conservo na memória, a impressão nítida dos primeiros instantes em que ali estive. Era[m] nove horas; sobraçando os livros, a ardósia e um caderno, transpus a soleira, tirei o chapéu e, com a destra, pedi a benção do mestre. Depois arrisquei medroso olhar. A sala mal caiada enquadrava-se no solo irregular, bem varrido e ainda úmido dos borrifos d’água que recebera. (MEDEIROS apud MARTINS, 1975, p. 50)

Em suas memórias, o ambiente escolar é apresentado como impróprio por ser um espaço pequeno, de taipa, cercado de galinhas, barulhento, com apenas dois bancos

e 12 crianças matriculadas. Instituições como escolas, prisões, hospitais, cemitérios, dentre outras, tornaram-se exigências da época, pelo crescimento da vida urbana e esses espaços, embora fundamentais, eram identificados como focos de doenças, devido à falta de organização. Há uma relação muito íntima, no discurso médico, entre a saúde e o progresso da sociedade, assim, a medicina se colocou como um instrumento essencial de intervenção nessa relação com a educação escolar. (MARIANO, 2015)

Matriculou-se, depois, no Colégio 15 de Agosto, dirigido pelo professor Manoel Fortunato do Couto Aguiar, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Segundo Medeiros, o primeiro estabelecimento de ensino que estruturou um teatro para as festas escolares. Devido à reprovação dos pais de alunos, o teatro fechou. Foi nesse colégio que organizou um jornal e foi exatamente nesse periódico que viu pela primeira vez seu nome marcado, ao escrever versos (MEDEIROS, 1994). A escrita fez parte da sua longa vivência. Versos, poemas, contos, história, literatura e diversas outras produções o acompanharam na sua trajetória de vida.

Posteriormente, matriculou-se no Liceu Paraibano, ao término dos estudos primários e, em 1891, terminou os preparatórios. Em seguida, já na faculdade de Direito do Recife, cursou até o terceiro ano e abandonou os estudos. Dedicou-se ao magistério, à imprensa, à música, ao comércio e várias outras atividades ao longo de sua vida.

Pertenceu a algumas entidades, como: Centro Literário Paraibano, Associação de Homens de Letras, Gabinete de Estudinhos de Geografia e História da Paraíba, Academia Paraibana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), dentre outras. A história do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano nos indica um pouco sobre o pensamento dos seus membros. Criado em 1905, o IHGP tinha o objetivo de construir e solidificar uma história paraibana. Segundo Dias, os membros dessa instituição, desde os seus fundadores, tinham como atividade principal:

Cargos públicos e/ou burocráticos. [...] ocuparam cargos políticos chaves na política paraibana. Profissionalmente, eram médicos, militares, jornalistas. Colaboradores dos principais jornais locais, neles começaram a escrever o que, mais tarde, iriam qualificar como a história da Paraíba. (DIAS, 1996, p. 35-36)

Até meados da década de 1970, essa historiografia foi marcada por trabalhos que enfatizam as conquistas, a história política, e por uma forte necessidade de consolidar a história local.

Em março de 1917, Coriolano de Medeiros instituiu um curso de matemática, destinado à preparação técnica dos sócios da Associação dos Empregadores do Comércio da Paraíba, que serviu como núcleo formativo da Academia de Comércio

Epitácio Pessoa. (MARTINS, 1975). Na qualidade de presidente da AACP, coube-lhe a honra de proferir a aula magna quando da instalação da referida instituição educativa. Ele foi um dos pioneiros na modernização do ensino profissional, preocupado com a perspectiva futura do processo educativo.

Como menciona Medeiros citado em Martins (1975), ainda menino, Coriolano ouviu as histórias que sua mãe lhe contava, e lendas e fatos do sertão paraibano, que lhe despertaram a vontade de conhecer a região onde nascera. Em 1888, ainda adolescente, visitou a Vila de Patos, oportunidade em que observou e colheu as primeiras impressões, que mais tarde seriam reveladas em seus livros:

Em 1888 voltei a Patos. Por lá estive uns quatro meses. Assisti o primeiro samba, escutei o primeiro desafio, admirei o pernilongo singular, o pardavesco do gênio, o Romano Caluete, cantar e florar num casamento, havido na Fazenda Tamanduá. Passava os dias no campo com os meus tios e, mais, com a avó materna, tão rica de afeições para mim! Aos domingos ia à missa na vila e, às vezes ficava para a feira no dia seguinte. Certa vez saindo da igreja, do bolso do colete saquei um pequeno relógio de prata para certificar-me mais, de que era notado, do que para ver as horas. Num momento tinha em torno, comprimindo-me, puxando-me, azoimando-me para pegar na máquina, uma dúzia de garotos de minha idade, sendo precisa a intervenção de um tio para safar-me ileso, embora sob a manifestação ruidosa de uma vaia solene (MEDEIROS apud MARTINS, 1975, p. 51).

180

Coriolano de Medeiros recebeu algumas honrarias, dentre elas destaca-se a Medalha Deodoro da Fonseca, oferecida pelo Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, em 1927. Publicou várias obras: *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba* (1914); *Do litoral ao sertão* (1917); *O barracão*, (1930); *O Tambiá da minha infância* (1942); *Sampaio* (1958); dentre outras. Escreveu em jornais e revistas da Paraíba, dirigiu vários periódicos e deixou alguns escritos no prelo. Usou os pseudônimos "C. M. Heráclito, José Tambiá, Libório de Assumpção, Roco, Zé Foguete, Marimbão e Cia e Estrela Dalva" (MARTINS, 1975, p. 44)

Pouco tempo antes de morrer, havia afirmado que os ventos frios do outono da vida não o curaram a mania de recordar fatos que o poder do tempo vai suavizando no esquecimento. Afirma ter se entregado às lembranças, "[...] muitas vezes confusa, desordenada e falha" (MARTINS, 1975, p. 53):

Depois que minha mulher morreu é que eu fiquei cego de verdade... Não tenho mais quem leia para mim o que eu próprio escrevi. Ela era quem me alertava a memória algumas vezes. Ainda ouço-lhe a 'voz e o passo costumado'... Mas sou muito resignado. Lá uma vez ou outra é que sinto uma neurastenia íntima... me controlo. Hoje, vivo horas e horas em completo silêncio. Vivo fora mesmo do mundo. Mas por um lado é bom. Vou aos poucos me desligando da vida, até... não ter mais saudade (MARTINS, 1975, p. 53-54).



Coriolano de Medeiros faleceu em 1974, em sua casa, em João Pessoa, no Bairro Cordão Encarnado. Era viúvo e pai de José. Nos últimos 25 anos de sua vida, conviveu com a falta da visão e com a solidão, privado da leitura e da escrita, suas paixões.

### ***O Tambiá da Minha Infância: a memorialística em cotejo com a instrução pública e particular na Parahyba do Norte***

Publicado inicialmente em 1942, *O Tambiá da minha infância* é um livro de memórias, as memórias de Coriolano de Medeiros, sobre uma fase da sua vida ambientada no Bairro de Tambiá, no final do Oitocentos. A narrativa situa-se no terreno fértil da sua meninice, seja criando ficções, seja recompondo memórias, nessa obra o autor relembra suas primeiras experiências escolares e outros acontecimentos de sua vida, um período emblemático na representação da sua infância. Suas narrativas conferem a existência da prática educativa, realizada especialmente no âmbito doméstico, no espaço privado da casa.

A infância na então Parahyba do Norte surge mediante a recuperação da memória do escritor adulto, em *O Tambiá da minha infância*. Na obra, as fronteiras entre a trama ficcional e memorialística se misturam na construção da narrativa, pois o autor recria o passado e procura dar-lhe sentido. Perpassa o livro um caminhar para uma atitude compassiva para com o que relata, o resultado disso é uma obra terna e agradável. Num jogo entre lembranças, esquecimentos e recordações, Coriolano de Medeiros vai refazendo, reconstruindo, repensando “[...] com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

À vista disso, Eclea Bosi faz um alerta sobre como é instável o espaço por onde transitam as lembranças:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Nos escritos de Coriolano de Medeiros, paisagens são descritas, casas, ruas, matas, instituições; moradores são apresentados, mulheres, homens, jovens, crianças; os festejos de carnaval, a quaresma, a tradicional festa de São João, o natal e as lapinhas. Tudo reconstruído a partir de sua memória, uma reconstrução continuamente atualizada do passado.

Nessa fabricação, fruto da sua rememoração naquele presente, dependendo a memória de mecanismos de seleção e descarte, tendo o esquecimento como parte constitutiva do processo, o universo instrucional também faz parte das suas recordações. Para Candau (2016, p. 65), “[...] no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida”.

Assim, delineando as ruas do bairro, o autor vai apresentando aulas públicas e particulares que funcionavam em determinadas localidades, bem como, as professoras e professores que as ministravam. Passamos assim a descortinar, a partir de suas memórias, espaços e nomes muitas vezes ignorados, especialmente pelas dificuldades de acesso a fontes não oficiais no século XIX. D. Maroca Trigueiro, por exemplo, possuía uma casa de moradia de boa construção, na Rua São José, onde também funcionava a aula pública feminina.

Além das aulas públicas, as aulas particulares também eram frequentes na província. Naquele período, a instrução pública primária passava por processo de constituição, e era frequente a procura dos pais, em especial os que tinham posses, por aulas particulares para os seus filhos. Em 26 de fevereiro de 1864, por exemplo, o jornal *O Publicador*<sup>4</sup> anunciou:

182

Alexandrina Eudócia da Costa Ribeiro está autorizada pelo governo da província para ensinar meninas; os pais de família que quiserem confiar suas filhas dirijam-se a rua da Areia nº 86, que promete trabalhar com todo o desvelo e carinho.

Estas aulas particulares antecederam e caminharam paralelamente, seja no momento de construção ou no de afirmação, com a escola pública. A prática educativa realizada no âmbito doméstico, no espaço da casa, era um recurso utilizado para a instrução de crianças e jovens, comumente aceita pela sociedade e praticada no Oitocentos, seja por preceptores, escolas particulares, mestre-escola, tanto para uma formação elementar, em que as crianças aprenderiam a ler, escrever e contar, como para o aprendizado de conhecimentos considerados importantes para a formação de jovens (VASCONCELOS, 2005).

Nem sempre a prática educativa era realizada na privacidade do lar, o mesmo jornal *O Publicador*, em 23 de março de 1864, anunciou que o professor particular, “João Licínio Velloso, avisa aos pais de seus alunos que mudou a sua aula para um salão do andar térreo do convento do Carmo, onde principiará a funcionar no dia

---

4. O jornal diário *O Publicador* era de propriedade de José Rodrigues da Costa e circulou regularmente de 1862 a 1886. O periódico era de filiação Liberal.

28 do corrente.” Contudo, a prática educativa no âmbito doméstico era corrente e também foi utilizada pelos governos provinciais nesse processo de escolarização, já que não existiam, inicialmente, prédios próprios para a realização da instrução e o governo fornecia uma ajuda para o aluguel de casas. Assim, as primeiras letras foram ensinadas também no âmbito doméstico, ao longo do século XIX e início do XX na Parahyba do Norte (MARIANO, 2015).

Dona Beiriz é recordada nas memórias de Coriolano de Medeiros. Era mestra de letras, costuras e bordados, e possuía uma escola feminina.

[...] de acordo com a época: as meninas, as lições de escrita, leitura e contas, sentavam-se de pernas cruzadas sobre esteiras de carnaúbas e executavam a tarefa determinada pela mestra. Um longo cipó-pau alertava o ânimo das preguiçosas, das descuidadas. (MEDEIROS, 1994, p. 32)

Esse é o olhar de um memorialista sobre uma fase de sua vida, a infância, quando era aluno de escolas de primeiras letras, frequentando as ruas do Bairro Tambiá, vivenciando, por exemplo, o uso de castigos físicos para punir alunas que não se adequassem ao que era imposto, mesmo tendo o primeiro Regulamento Geral da Instrução, em 1849, proibido o uso da força física no processo educativo. O regulamento de 20 de janeiro de 1849 aponta normatizações, no tocante: à localização e mobília das aulas, à disciplina, às férias, aos castigos e recompensas, aos estudos, à leitura, à escrita e à instrução moral e religiosa. O regulamento de 1849 é o primeiro dirigido para a instrução na Província, momento em que o cotidiano instrucional começou a ganhar contornos, a partir de uma legislação que indicou normas para a sua fabricação.

Nas suas memórias, assuntos variados vão compondo uma verdadeira colcha de retalhos. Um acontecimento que marcou a sua infância foi a morte de uma menina de nome Rosinha. A morte foi lembrada com dor e revela um ritual, que para Coriolano de Medeiros, era uma prática naquele período. “[...] Era usual naqueles dias dirigir-se o encarregado do enterro de crianças às aulas públicas e particulares e pedir uns alunos para condutores do ataúde” (MEDEIROS, 1994, p. 99), e o professor indicava quais alunos deveriam comparecer ou convidava a presença de todos para acompanhar o enterro. Naquela ocasião, cerca de trinta alunos compareceram e, ao final, foi servido vinho e biscoito para as crianças. Para o memorialista, a alegria explodiu entre os pequenos, vinho branco e biscoitos, merenda farta e obrigatória para os pais que perdiam filhos menores. As crianças teriam exclamado: Que bom enterro! (MEDEIROS, 1994).

O uso de materiais escolares também vai sendo apresentado em suas recordações: Carta de ABC, bancos de madeira, ardósia, cadernos, livro de Abílio e a palmatória, sempre uma lembrança traumática. Muito do que o autor confessa em

suas memórias são problemas que afetaram não só a ele mesmo, mas a todos os seus colegas; sua dor, seus traumas, suas angústias eram também a de muitos com os quais ele convivia. Diferentemente, as férias marcaram positivamente as lembranças de Coriolano de Medeiros. Para ele, um dia suspirado!

No decorrer dos meus primeiros dias de escola, começavam no dia de São Tomé, 20 ou 21 de dezembro, e terminavam no primeiro domingo depois da Epifânia [epifania]. As férias outrora eram para os alunos: tinham estes a liberdade de brincar, correr, bater, comer, de se banquetear. (MEDEIROS, 1994, p. 63)

Rememora com saudosismo o furto da palmatória antes do encerramento das aulas. Tal furto anunciava o período de férias que se aproximava; um período de liberdade, de brincadeiras, alegrias. O furto da palmatória simbolizava o fim de um ciclo marcado pelos estudos, pela memorização de determinadas leituras, pelo sacrifício e também pela dor, mas findando um ciclo, outro se apresentava: as férias, com uma gama de sensações descritas a partir de memórias afetivas. Há leveza na rememoração das férias e o período é apresentado com grande expectativa.

Como estudante secundarista no Liceu Paraibano, Coriolano de Medeiros se lembra das serenatas e do banho na fonte do Tambiá, momentos de descontração vivenciados pelos alunos. E eram vários os alunos residentes no bairro: Agripino Maia, Severianinho, José Bernardo, os dois FONSECAS, os dois Veras e outros mais. Desse período, também vem a lembrança da queda da Monarquia, cinco ou seis dias após a sua aprovação no Liceu, um período de agitação política para os políticos paraibanos.

A partir de lembranças do tempo da sua infância, uma variedade de memórias aflora e indícios do funcionamento do universo instrucional na então Província da Parahyba do Norte vão ganhando vida a partir da sua escrita. Comportando contínuas reestruturações de eventos passados, os escritos memorialísticos recriam um passado, ressignificam uma realidade, buscando responder elaborações diversas do presente. É no presente vivido que a rememoração ganha impulso e condições para se estruturar, assim, o papel do presente é fundamental na relação entre memória, esquecimento e recordação.

Sobre Coriolano de Medeiros, um dos mais importantes depoimentos foi feito pelo cômico Francisco Lima, em sessão realizada na Academia Paraibana de Letras, na noite de 30 de novembro de 1965:

É um testemunho de vida histórica e política, de realizações socioculturais durante todo o regime republicano e boa parte do recente, apático, frio, mas um temperamento vivo, interessado pela terra e pelo homem, vibrante de

civismo nos grandes momentos em que esplende o amor à gleba. Os velhos jornais, as antigas revistas, as veneráveis polianteias dos nossos museus literários assim no-lo revelam o Coriolano mestre; o Coriolano historiógrafo se não historiador; o Coriolano beletrista; o Coriolano cronista, a que não faltavam a sátira inocente a personagem e os costumes da cidade (LIMA apud NÓBREGA, 1979, p. 41).

Em 1958, após publicar *Sampaio*, um livro de memória que reúne várias crônicas da Paraíba de fins do século XIX, Coriolano encerra a carreira literária. Em suas notas autobiográficas, ele diz: "Escrevi-o a lápis, quando já me encontrava privado da vista. Vali-me, nesse livro, do humor ferino do personagem, para reviver coisas da cidade antiga que conheci" (MARTINS, 1975, p. 53).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O memorialista, ao reconstruir suas memórias a partir do presente vivido, rememora acontecimentos e transmite informações que são marcadas também pelos esquecimentos, voluntários ou involuntários. Suas construções são representações de um passado, são pedaços escolhidos ou jogados fora, silenciados, negados ou exteriorizados, são traços ou indícios de um mundo vivido. Nessa construção e reconstrução, atende a um contexto marcado por determinadas contingências políticas, sociais, econômicas, culturais, daquele presente. A memória, assim, é filha dessa temporalidade. Ancorado naquele presente, mas com os olhos voltados para o passado, Coriolano de Medeiros rememora sua infância e nos brinda com o complexo fenômeno da memória.

Coriolano de Medeiros deixou valiosa contribuição literária, publicada em vários jornais e revistas. Culto e simples, Coriolano soube transmitir às gerações futuras sua sabedoria. Viveu uma vida longa e tranquila. No campo da historiografia, ele deixou escritos variados que contam um pouco da história paraibana. A realidade desse autor foi construída na relação com os outros e se desenvolveu no tempo; uma memória que se configura como uma faculdade essencialmente humana e atinge sua máxima expressão quando se manifesta como memória histórica. Em *O Tambiá da minha infância*, a memória individual soma-se à memória social e a memória pessoal converte-se em memória coletiva, ao reconstruir aspectos de uma dada época e de determinado local.

Entende-se o livro *O Tambiá da minha infância* (1994) como um referencial de memória para o trabalho de gestão da História, e, como tal, possui uma força de preservação, de interação e de germinação; assim, escrita e memória caminham juntas,

na interface recordação e esquecimento. Entendido como uma reserva de informação, de memória e de história, é um objeto relevante para a memória educacional, pois as informações que carregou ao longo da sua trajetória, deixam traços que marcam a sua condição de possibilidade.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. São Paulo: Unicamp, 2011.
- AZEVEDO NETTO, C. X. de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2002. Disponível em: Acesso em: 24 mar. 2013.
- \_\_\_\_\_. Informações e Memória: as relações na Pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016. CASTRO, Oscar de Oliveira. **Vultos da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1955.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CORDEIRO JÚNIOR, Raimundo Barroso. História da história ou da historiografia como história social. In: SÁ, Ariane Norma de Menezes; MARIANO, Serioja (Orgs.). **Histórias da Paraíba**: autores e análises sobre o século XIX. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003. p. 16-36.
- DIAS, Margarida Maria. **Intrépida aborígine. O IHGP e a produção da história local**. João Pessoa: Almeida, 1996.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. São Paulo: EDUSC, 2002.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. Visão de Coriolano de Medeiros. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 22, p. 22-24, 1979.
- MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **Educação pela higiene**: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886). João Pessoa: Ideia, 2015.

- MARTINS, Eduardo. **Coriolano de Medeiros**: notícia biobibliográfica. João Pessoa: A União, 1975.
- MEDEIROS, Coriolano de. **O Tambiá da minha infância**. João Pessoa: A União, 1994.
- NÓBREGA, Humberto. Coriolano Medeiros: Notas para sua biografia. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 22, p. 33-42, 1979.
- NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux. Les lieux de mémoire**. I Paris: Gallimard, 1984.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SANTOS, José Ozildo dos Santos. **Coriolano de Medeiros**: O imortal. A Voz do Povo, Patos-PB, ano IX, nº 145, edição de agosto de 2004.
- SAVIANI, Demerval. **História da educação e política educacional**. Texto da fala de abertura do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro, 6 a 9 de novembro de 2000.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria H. C. (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, v. II: Séc. XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- TARGINO, Itapuan Botto. O educador Coriolano de Medeiros. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 22, p. 27-27, 1979.
- THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.